

מְרַחֶפֶת (mərəḥēpet) em Gn 1,2 e na Bíblia Hebraica

מְרַחֶפֶת (mərəḥēpet) in Gn 1,2 and in the Hebrew Bible

Oswaldo Luiz Ribeiro*

Resumo

Artigo exegetico que tem por objetivo avaliar a tradução proposta para רַחַף em verbetes de dicionários e léxicos de hebraico bíblico e em versões bíblicas brasileiras. Por sua vez, a análise de como dicionários, léxicos e versões brasileiras tratam רַחַף tem por intenção avaliar mais especificamente a tradução do termo מְרַחֶפֶת em Gn 1,2. Por parte dos dicionários, léxicos e versões, observa-se indisfarçada dependência traditivo-teológica. Tanto nas versões quanto nos próprios verbetes, a decisão teológica de assumir-se רִיחַ אֱלֹהִים como referência ao “Espírito Santo” provoca a transformação semântica da forma Piel de רַחַף (Gn 1,2), que passa a suportar um sentido relativamente menos intenso do que a correspondente forma Qal de רַחַף (Jr 23,9), exatamente pelo fato de que não se cogita considerar que o “Espírito Santo” esteja movimentando-se violentamente sobre as águas. Como a ideia de movimento violento seria a tradução mais coerente de רַחַף, não resta outra operação aos dicionaristas e tradutores analisados que não sugerir para o Piel de רַחַף a ideia então contraditória de um movimento “soft”.

Palavras-chave: מְרַחֶפֶת. רַחַף. רִיחַ. Gn 1,2. Exegese.

Abstract

Exegetical article that aims to evaluate the proposed translation of רַחַף in articles of dictionaries and lexicons of biblical Hebrew and Brazilian biblical versions. In turn, the analysis of how dictionaries, lexicons and Brazilian versions treat רַחַף intends to evaluate more specifically the translation of the term מְרַחֶפֶת in Gn 1,2. It is observed in the dictionaries, lexicons and versions an undoubtedly traditional-theological dependence. In both the versions and the own articles, the theological decision to assume רִיחַ אֱלֹהִים as a reference to the “Holy Spirit” causes the semantic transformation of the form Piel of רַחַף (Gn 1: 2), which now supports a relatively less intense sense of than the corresponding form Qal (Jer. 23: 9), precisely because one does not think of considering that the “Holy Spirit” is moving violently on the waters. As the idea of violent movement would be the most coherent translation of רַחַף, there is no other operation left for the dictionaries and translators analyzed than to suggest to the form Piel of רַחַף the idea of a “soft” movement.

Key-words: מְרַחֶפֶת. רַחַף. רִיחַ. Gn 1,2. Exegesis.

* Pós-doutorado em Ciências da Religião (UFJF), doutor em Teologia (PUC-Rio), professor e coordenador do Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória. E-mail: osvaldo@faculdadeunida.com.br

Introdução

Neste artigo, não se está interessado em problematizar o sentido de רִיחַ (*rûḥ*) em Gn 1,2. Obviamente que a tradução de רִיחַ em Gn 1,2 constitui uma questão de máxima relevância. O fato de, entre onze versões vernaculares do Antigo Testamento, encontrarem-se quatro traduções diferentes para o termo em Gn 1,2, “Espírito” (AM¹, CNBB², MD³, ARA⁴, ARE⁵ e NVI⁶), “alento” (BP⁷), “sopro” (TEB⁸) e “vento” (NBP⁹, BJ¹⁰ e VOZES¹¹)¹² revela que, ao menos quanto ao mercado editorial de Bíblia no Brasil, a questão está longe de ser resolvida. Mesmo constituindo a maior parte das traduções, a clássica tradução “Espírito” corresponde apenas a 60% do total, rivalizando com o conjunto “alento”, “sopro” e “vento”, com 40% das traduções citadas. Um verso tão teologicamente sensível quanto Gn 1,2 ser palco de uma relativamente significativa disparidade de traduções do termo רִיחַ chega a ser surpreendente e, por si só, merece investigação. Todavia, o objetivo agora não é discutir essa questão, mas outra: o sentido do termo hebraico que as versões traduzem como “pairava” (AM, CNBB, BJ, MD, TEB, ARA, ARE e NVI), “se movia” (NVI), “revoava” (BP), “agitava” (NBP) e “soprava” (VOZES). Em termos de alternativas de tradução, são agora cinco. N entanto, no conjunto, nove versões expressam a ideia da presença suave do “Espírito”, do “alento”, do “sopro” ou do “vento” sobre as águas, estivesse a referida grandeza “pairando”, “revoando”¹³ ou “se movendo” sobre elas. As duas “exceções”, NBP e Vozes, traduzem רִיחַ por “vento”, não por “Espírito”, e imaginam-no movendo-se com violência sobre as águas (“agitava”, “soprava”).

O termo hebraico para o qual as versões analisadas apresentam as cinco diferentes traduções, e, a rigor, dois diferentes sentidos, um movimento mais suave, e um movimento mais violento, é מְרַחֶפֶת (*mərahēpēt*). Em termos léxicos, trata-se da atualização Piel, na forma de participio feminino, da raiz רָחַף. De imediato, um alerta: a raiz é empregada apenas três vezes em toda a Bíblia Hebraica (Gn 1,2 e Dt 32,11 (Piel¹⁴), e Jr 23,9 (Qal)), cuja escassez suscita problemas para o domínio semântico-fenomenológico do conjunto de suas atualizações no escopo literário em questão.

A seguir, dois passos analíticos serão dados. Primeiro, a análise de רָחַף em verbetes de dicionários e léxicos de hebraico bíblico. Em seguida, a análise sobre a imagem com que operam, tanto naqueles verbetes, quanto nas versões vernaculares de Gn 1,2, os respectivos dicionaristas e tradutores, quando

traduzem/interpretam o significado de מְרַחֵפֶת.

1. מְרַחֵפֶת em dicionários e léxicos de hebraico bíblico

Indicando para possibilidades etimológicas distintas, egípcias, ugaríticas, siríacas e arábicas (Koehler e Baungartner, 1996, p. 1.219-1.220), Halot considera que a etimologia de מְרַחֵפֶת “é disputada” (Koehler e Baungartner, 1996, p. 1.219). Não dá detalhes sobre a etimologia egípcia, mas quanto às demais, sim. Para a etimologia ugarítica, fala de “to hover, flutter” (“pairar, flutuar”), e menciona, especificamente, um texto em que se descreve Anat “com suas asas, ela que voa, que paira contra o mais alto céu”¹⁵. A etimologia árabe considerada corresponde muito intimamente à ocorrência de Jr 23,9: “tremor [‘to quake’] (a terra), estremecer [‘to tremble’] (um homem velho)”¹⁶, conquanto, no mesmo contexto, se mencione, ainda, o movimento de um pássaro a voar em círculos no céu (Koehler e Baungartner, 1996, p. 1.220). Já a etimologia siríaca aventada destoa dos sentidos anteriores: “chocar, incubar; sombrear, proteger”¹⁷.

Após a série de possíveis etimologias, Halot assenta os sentidos positivos que considera. O verbo מְרַחֵפֶת é apresentado em duas formas, Qal e Piel. Para Qal, Halot apresenta “to tremble” (“tremor”), sendo indicada a ocorrência da raiz em Jr 23,9. Por sua vez, para Piel, “to hover and tremble”¹⁸. Voltaremos a tratar especificamente dessa questão, mas, no presente contexto, deve-se antecipar que Halot considera que “esta tradução é mais apropriada para Dt 32,11 (...), embora menos para Gn 1,2, onde simplesmente ‘planava’ [‘to hover’] (enquanto se movendo para trás e para frente, constantemente) é mais provavelmente apropriado” (Koehler e Baungartner, 1996, p. 1.220). Halot acrescenta que, em relação a Gn 1,2, o verbo foi interpretado como descrevendo a ação de “um pássaro, que move suas asas para a frente e para trás” (Koehler e Baungartner, 1996, p. 1.219).

O verbete em Alonso-Schökel é bastante simplificado. Para Qal, Alonso-Schökel considera “deslocar-se, entrecocar-se [os ossos]”, mencionando Jr 23,9. Para Piel, “adejar, revoar, bater as asas” (Alonso-Schökel, 1997, p. 616), indicando Gn 1,2 e Dt 32,11. Nada mais é dito. Tão simplificado quanto Alonso-Schökel são os dicionários de Holladay e o da coedição brasileira Sinodal/Vozes. Para Qal, Holladay sugere “Jr 23.9 abalar, tremor” (Holladay, 2010, p. 480), e,

para Piel, “pairar (tremulamente) Gn 1,2; Dt 32.11” (Holladay, 2010, p. 481). Já o segundo dicionário mencionado, para Qal, propõe “tremar, estremecer (...) (Jr 23.9)” (Kirst e outros, 2013, p. 226), e, para Piel, “voejar, adejar, pairar (Gn 1.2; Dt 32,11)” (Kirst e outros, 2013, p. 226). No conjunto, os três dicionários sugerem, para Qal, os sentidos de “deslocar-se, entrecocar-se [os ossos]”, “abalar, tremar” e “estremecer”. Para Piel, também no conjunto Alonso-Schökel – Holladay – Sinodal/Vozes, “adejar, revoar, bater as asas”, “pairar (tremulamente)” e “voejar”.

O tratamento dado a רָחַף muda sensivelmente em Clines e BDB. Ambos os dicionários compreendem que, possivelmente, haja duas raízes homônimas, רָחַף I e רָחַף II¹⁹. Todavia, se a interpretação feita estiver correta, Clines prefere deixar as coisas em suspenso, porque inclui a ocorrência de Jr 23,9 tanto como possível atualização de רָחַף I quanto como potencial atualização de רָחַף II. Para רָחַף I, Clines dá o sentido de “ser mole” (“be soft”), acrescentando a cláusula “unless רָחַף II tremble”, que aqui se interpreta como uma suspensão de juízo categórico por parte do verbete: Jr 23,9 seria uma atualização de רָחַף I, a menos que (“unless”) seja uma atualização de רָחַף II (Clines, 2011, p. 472-473). Nesse caso então, como possível atualização de רָחַף I, em Jr 23,9, רָחַף significaria “tornar-se mole [‘become soft’]” ou “amolecer”.

Para רָחַף II, as observações de Clines são mais variadas. Para Gn 1,2, e, igualmente, uma ocorrência apontada no apocalipse messiânico 4QapMes 2,2, tratar-se-ia de “to hover”²⁰. Com sujeitos apresentados como distintos, e, logo, com a correspondente ação verbal considerada como em conformidade com os respectivos sujeitos, Clines apresenta as ocorrências de Gn 1,2 e Dt 32,11. Reorganizando as informações do verbete, resultam as seguintes sequências: Gn 1,2: “to hover” (verbo) + “spirit of Y.” (sujeito) + “sobre” (preposição) + “as águas”, e, para Dt 32,11: “to hover” (verbo) + “a águia” + “sobre” (preposição) + “fledgling” (“filhote”). Anote-se que, a rigor, o preciso sentido com que se atualizaria “to hover” depende substancialmente do sujeito considerado para a frase.

Avaliemos, agora, BDB. O léxico reconhece duas raízes, רָחַף I e רָחַף II. O sentido que BDB dá a רָחַף I é ligeiramente diferente, a princípio, do sentido que Clines havia dado, mas, no final das contas, finda por coincidir com aquele. Na entrada רָחַף I, lê-se que רָחַף corresponderia a “verb grow soft, relax”, sugerindo

relação com homônimo arábico de significado “be soft”²¹, indicando que esse seria o sentido da ocorrência em Jr 23,9, em que o verbo se aplicaria aos “bones of one appalled” (“ossos de alguém indignado”) (Brown, Driver e Briggs, 2010, p. 934). Nesse caso, no contexto da passagem bíblica, diante das palavras de Yahweh, os ossos do profeta não teriam estremeado, mas amolecido. Ao contrário de Clines, que trabalha no campo explícito da suposição, BDB assume que, em Jr 23,9, trate-se efetivamente da atualização da também por Clines aventada רָחַף I. Já para a então assumida segunda raiz, רָחַף II, BDB afirma tratar-se de Piel, “hover”. Em Dt 32,11, tratar-se-ia de um abutre pairando sobre os filhotes e, em Gn 1,2, seria o caso de “mover-se sobre a face das águas” (“hovering over face of waters”) ou “chocando (e fertilizando)” (Brown, Driver e Briggs, 2010, p. 934).

Do século XIX, o léxico de Gesenius é relativamente bem desenvolvido, e nele se podem encontrar elementos que se poderiam tomar como antecipações dos tratamentos apresentados no conjunto de dicionários analisados até aqui. Imediatamente após a apresentação da entrada do verbete, consta a expressão “[pr. to be soft]” (Gesenius, 1893, p. 766). Uma vez que acabamos de ser informados quanto ao fato de Clines e BDB considerarem esse sentido em seus verbetes, e que BDB remonta esse sentido ao cognato árabe, convém registrar que Gesenius não faz nenhuma observação etimológica nesse momento, conquanto o faça mais à frente, em seu verbete, sem, contudo, retornar ao sentido “to be soft”.

Pois bem, imediatamente após a expressão entre colchetes, acima transcrita, o léxico de Gesenius apresenta, então, o sentido geral proposto para רָחַף: “to be moved, affected” (Gesenius, 1893, p. 766), que, a depender do contexto, desdobrar-se-ia em dois campos semânticos diferentes: a) relacionado ao sentimento de amor (“feeling of tender love”), “to cherish” (“cuidar”, “acalentar”), e b) com sentimentos de medo, tremor, então “to tremble (dito dos ossos de uma pessoa terrificada), Jer. 23;9” [“to tremble (spoken of the bones of a person terrified), Jr 23,9”]. Não está explicitado o fato de que até aqui o verbete teria tratado de Qal, mas o fato de o parágrafo seguinte abrir-se com o indicativo da forma Piel sugere que era daquele tronco que se falava até então.

Por sua vez, então, para Piel, o verbete de Gesenius sugere “to brood over” (Gesenius, 1893, p. 766). No entanto, o verbete vincula esse sentido a determinado contexto de representação: “Piel, to brood over young ones, to

cherish young (as an eagle), Deut. 32:11”²². Segundo o verbete, esse sentido teria “uso mais frequente” na tradição siríaca, na qual o cognato serviria para expressar o cuidado de pássaros em relação a seus filhotes, mas também o cuidado paternal/maternal, bem como na tradição árabe, em que se encontraria o uso do cognato para expressar o ato de se chocar ovos, como uma galinha, ou de se acalmar crianças, como uma mãe²³.

Eis, portanto, o quadro geral dos sentidos sugeridos para a raiz em questão:

Dicionário/Léxico	Qal	Piel
HALOT	“to tremble”	“to hover and tremble”
ALONSO-SCHÖKEL	“deslocar-se, entrechocar-se”	“adejar, revoar, bater asas”
HOLLADAY	“abalar, tremer”	“pairar (tremulamente)”
SINODAL/VOZES	“tremer, estremecer”	“voejar, adejar, pairar”
GESENIUS	“to be moved, affected”: a) “to cherish” e b) “to tremble”	“to brood over”
CLINES	I. “be soft”? II. “to tremble”?	“to hover”
BDB	I. “grow soft”	“to hover”

A análise dos verbetes induz a conclusões surpreendentes. Primeira conclusão: não se está caminhando em território seguro. Os verbetes não nos permitem decidir se se trata de uma única raiz, ou se estamos diante de duas raízes homônimas homófonas. Clines não está seguro, mas assenta a possibilidade. BDB não tem mais dúvidas. O restante, se não desconhece totalmente o caso, é omissivo em relação à hipótese.

Segunda conclusão: o campo semântico em que a raiz se atualiza em Qal varia significativamente. Pode-se trabalhar com o sentido de “tremer, estremecer” ou com o sentido de “amolecer”. Como a única ocorrência de Qal se encontra em uma passagem que fala figurativamente da reação dos ossos do profeta, ao ouvir as palavras de Yahweh, pode-se especular se ele se referia a um tremor ou a um derretimento: “meus ossos estremeceram” ou “meus ossos se derreteram”. Não é uma decisão que precisamos tomar aqui...

A terceira conclusão me parece a mais grave. Salvo engano, o sentido que se dá a מְרַחֵפֶת na forma simples ativa da raiz hebraica é, em tese, mais intensivo do

que o sentido que essa mesma raiz recebe na forma Piel. Qal é “tremble”, “deslocar-se”, “entrechocar-se”, “abalar”, “tremor”. Naquela referida única ocorrência de מְרַחֵפֶת na forma Qal, Jr 23,9, se estaria dizendo que, por causa das palavras de Yahweh, os ossos do profeta “entrechocam-se”. A ideia é de um tremor violento. No entanto, os sentidos dados a Piel são “to hover”, “to hover and tremble”, “adejar”, “revoar”, “bater asas”, “pairar (tremulamente)”, “voejar” e “to brood over”. Se considerados os sentidos sugeridos para Piel, e se forem agora comparados aos sentidos sugeridos para Qal, não parece que Piel represente uma forma intensiva de Qal. A ideia, portanto, de que Piel representa uma forma intensiva de Qal precisa ser abandonada, para legitimarem-se as opções apresentadas.

A título de demonstração da assertiva que se fez, observe-se o caso de Halot. Para Qal, Halot sugere “to tremble”. Para Piel, “to hover and tremble”. Aceitemos que, em relação a “to tremble”, “to hover and tremble” constitua um acréscimo de intensidade. Num caso, apenas se estremece, se treme. No outro, paira-se, flutua-se, plana-se, mas tremendo, estremece. Aceitemos, com boa vontade, a sugestão. Entretanto, Halot imediatamente adverte que “to hover and tremble” valeria mais adequadamente para Dt 32,11, mas não para Gn 1,2, onde apenas “to hover” pareceria fazer sentido. Bem, nesse caso, temos um problema. Porque até admitamos que, em comparação a apenas “to tremble” (Qal), “to hover and tremble” (Piel) comporte um sentido de movimento mais intenso, mas, como quer Halot, “to hover” apenas, e não “to hover and tremble”, quando comparado a “to tremble”, não apenas não comporta aumento de intensidade, mas, na verdade, sugere diminuição de intensidade, e Halot acaba de nos dizer que, em Dt 32,11 as coisas até são como a lógica da distinção entre Qal (ativo simples) e Piel (intensivo simples) pressupõe, mas em Gn 1,2, não, já que, ali, o sentido de “to hover and tremble” “não é apropriado”. Halot nos propõe o inusitado caso de um Piel que designa uma ação menos intensa que a ação descrita com Qal. Em Qal, “tremor”, em Piel, “pairar”...

O caso de Halot é emblemático, mas não único. O sentido de “adejar, revoar, bater asas” é menos intenso do que “descolar-se, entrechocar-se”. A seu modo, Alonso-Schökel se comporta exatamente como Halot – propõem-nos um Piel mais fraco do que Qal. É diferente o caso de Holladay – “abalar, tremor” (Qal) versus “pairar (tremulamente)”? A coedição brasileira Sinodal/Vozes parece inequívoca: “tremor/estremece” (Qal) é mais intenso do que “voejar, adejar,

pairar” (Piel).

Talvez a situação constrangedora de um Piel mais suave do que um Qal tenha gerado o impulso que, por sua vez, levou à proposição, no século XIX, por parte de Gesenius, de uma bifurcação semântica em Qal (“to be moved, affected’: a) ‘to cherish’ e b) ‘to tremble’”), e, no século XX, à mais ou menos categórica proposição da hipótese de duas raízes (I רחף e II רחף). Se se trata de suas raízes, desaparece a necessidade de que esse Piel seja necessariamente mais intenso ou mais frequentativo do que aquele Qal. De fato, “be soft” não precisa guardar relação com “to hover”. BDB está seguro quanto a isso, mas Clines ainda guarda reservas.

Em conclusão, os verbetes não nos ajudam a resolver a questão da tradução de מְרַחֵפֶת em Gn 1,2. Pelo contrário, apenas acentuam o problema.

2. As imagens mentais do tradutor de מְרַחֵפֶת em Gn 1,2

A tradução de Gn 1,2 opera a partir de certo imaginário. Uma prova direta desse fato pode ser apresentada a partir do verbete de Clines. Quando tenta esclarecer a especificidade da ocorrência da raiz em Gn 1,2, Clines se refere ao sujeito da ação. Quando comenta quem é o sujeito que opera מְרַחֵפֶת em Gn 1,2, Clines escreve a fórmula “spirit of Y.” (Clines, 2011, p. 472). Parece correto considerar que, com o “Y.” se esteja querendo referir a “Yahweh” – “spirit of Y.” corresponderia a “spirit of Yahweh”. Todavia, em Gn 1,1-2,4a, não aparece sequer uma única vez o termo “Yahweh”. O verbete saiu da passagem em que a raiz em questão é atualizada, operou algum procedimento de identificação teológica, e retornou à passagem: em Gn 1,2, רוּחַ אֱלֹהִים é o “espírito de Yahweh”. Não se trata sequer do “espírito de Deus”, um tanto mais compreensível. É, já, o “espírito de Yahweh”. Um ato falho sem importância? Não parece: seria mais um indício das operações que se dão por trás dos procedimentos de tradução: o verbete está seguramente informado de que o significado de רוּחַ אֱלֹהִים é “espírito de Yahweh”. Conquanto não decisivo, em termos exegéticos, traduzir רוּחַ como “espírito” é possível. Insista-se: na passagem, é incerto, mas possível. Agora, nos mesmos termos exegéticos, traduzir רוּחַ אֱלֹהִים como “espírito de Yahweh” não é possível. Trata-se, salvo melhor juízo, de um procedimento teológico, e, nesse caso, tanto a exegese quanto a “filologia”, isto é, a elaboração do verbete, estão

sob controle de um paradigma estranho à exegese e à “filologia”.

Com esse exemplo, sugere-se que a chave para a compreensão do que ocorre nas traduções e, mesmo, nos verbetes dos dicionários e léxicos depende fundamentalmente da imagem com a qual o tradutor opera os signos do texto. No caso específico de Gn 1,2, que imagem tem o elaborador do verbete, o tradutor, o comentarista? O que é, para ele, רִיחַ “Espírito”, “vento”, “sopro”, “alento”? O que ele está fazendo sobre as águas? “Voejando”? “Pairando”? “Pairando e tremendo”? “Adejando”? Seja o que for, esse comportamento significa o quê? Trata-se de um movimento violento? Ou, antes, um movimento suave? Está רִיחַ agindo “criativamente” sobre as águas, “chocando-as”, “fertilizando-as”? Ou, antes, é ao contrário: está agindo tão violentamente sobre elas, que é justamente sua ação, ao lado das trevas, que impede a “criação”? Em poucos lugares da Bíblia Hebraica, o que acontece dentro da cabeça do especialista é tão relevante – porque, com tão pouca base material, a forma ideológica com que ele opera sobre a passagem como um todo determinará que atualização ele fará operar sobre cada termo. Deve-se, portanto, concordar com Westermann: “a terceira cláusula do segundo verso é tanto muito difícil quanto muito controversa” (Westermann, 1984, p. 106).

O mesmo Westermann que declarou que a expressão וְרוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֵפֶת עַל-פְּנֵי הַמַּיִם de Gn 1,2 “é tanto muito difícil quanto muito controversa” é também aquele que, categoricamente, declara que a interpretação que toma רִיחַ como “to brood” e, por extensão, “imagina” o “mundo criado” como um ovo, deve ser “rejeitada definitivamente” (rejected definitively)²⁴. A razão alegada parece correta: a despeito de haver cosmogonias que imaginam o mundo criado como um ovo cósmico, Gn 1,2 não é um exemplo desse tipo (Westermann, 1984, p. 107). Para Westermann, a questão se reduz à decisão quanto ao sentido de רִיחַ, se “vento” ou “espírito”, o que nos leva à questão de como o dicionarista, o tradutor e/ou o intérprete “imaginam” רִיחַ.

Na sequência de seus argumentos, Westermann assume que o ponto inicial para decidir-se a identidade de רִיחַ é, então, justamente o termo que estamos analisando: מְרַחֵפֶת (Westermann, 1984, p. 107). O parágrafo que Westermann reserva para sua análise parece-lhe suficiente para ratificar a rejeição definitiva da interpretação da raiz como “to brood” e assumir que, seja qual for o sentido específico, “denota movimento” (Westermann, 1984, p. 107).

Mais adiante, no final de seu comentário, Westermann se serve de argumento de um terceiro autor para assentar o fato de que “a terceira sentença de Gn 1,2 é parte da descrição da situação antes da criação” (Westermann, 1984, p. 108). Em síntese, Westermann aceita a ideia de que, em Gn 1,2, aquela difícil e controversa expressão implique a ideia de um vento que se movimenta sobre as águas, antes da criação.

Lembrando-nos de que não se está discutindo o sentido de רִיחַ, mas o de מְרַחֶפֶת, vindo de recuperar, ainda que brevemente, os argumentos de Westermann, talvez se pudesse fechar o raciocínio com a tradução de Gn 1,2, feita por Theophiles J. Meek, e publicada em 1951: “the earth was a desolate waste, with darkness covering the abyss and a tempestuous wind raging over the surface of the waters”²⁵. A tradução de Meek parece estar de acordo com os argumentos de Westermann: רִיחַ é traduzido como “vento”, a seção de Gn 1,2 é tomada como descrição, ainda, do status quo antes da criação, a ação de רִיחַ, nesse contexto, expressa movimento. Todavia, a tradução de Meek vai além das observações de Westermann, porque, quando considera a possibilidade de que, na expressão רִיחַ אֲלֵהִים, רִיחַ ter função de superlativo, concluindo que isso “encontra a dificuldade de compreender רִיחַ como vento”, talvez Westermann esteja ainda levando em conta o sentido de רָחַף como “‘hover’, ‘flutter’ or ‘flap’” (Westermann, 1984, p. 107). Se, por um lado, Westermann permanece no campo semântico autorizado pelos dicionários analisados, por outro lado Meek rompe com todos aqueles sentidos, e imagina o movimento de רִיחַ como sendo violento: “a tempestuous wind raging over”. Registre-se que uma recente versão católica estadunidense segue extremamente de perto a tradução de Meek:

- 1 In the beginning, when God created the heavens and the earth -
- 2 and the earth was without form or shape, with darkness over the abyss and a mighty wind sweeping over the waters -
- 3 Then God said: Let there be light, and there was light²⁶.

Nem os beneditinos dos Estados Unidos da América, nem o exegeta canadense concordam que, em Gn 1,2, רָחַף signifique “pairar” ou algo equivalente. Para as duas versões, trata-se de um vento, de um vento violento, de um vento violento que está varrendo (“sweeping over”) ou assolando (“raging over”) as águas.

Não são apenas as duas versões publicadas ao norte que rompem deliberadamente com a lição dos léxicos e dicionários. A rigor, duas das versões nacionais que abrem o presente artigo seguem esse caminho. Trata-se da Bíblia Vozes (Vozes) e da Nova Bíblia Pastoral (NBP). No caso da Vozes, a tradução de Gênesis esteve a cargo de Ludovico Garmus, que assim traduziu a terceira seção de Gn 1,2: “e um vento impetuoso soprava sobre as águas”. Por sua vez, a NBP traduz: “e um vento de Deus se agitava sobre a superfície das águas”. “Soprava” e “se agitava” podem ser colocados ao lado de “raging over” e “sweeping over”.

Obviamente, da mesma forma como os tradutores das demais versões, dos dicionaristas e de comentaristas de Gênesis, T. J. Meek, a comissão tradutora da United States Conference of Catholics Bishops, o frei Ludovico Garmus e o tradutor de Gn 1,2 na NBP, Luiz Gonzaga do Prado, também precisam usar a imaginação, e certamente a usaram, na tentativa de, por meio dos signos grafados em Gn 1,2, entrever a identidade e o papel dos agentes que operam na passagem. Todavia, a virtude das quatro versões é que conseguem romper com a força das ondas tradicionais e, em última análise, estabelecer alguma coerência no trato de רָחַף na Bíblia Hebraica. Se, em sua forma mais simples, רָחַף significa “tremar” ou “estremecer”, então faz sentido que, em sua forma intensiva, deva significar um movimento mais forte do que apenas “tremar” e “estremecer”, e, convenhamos, “pairar” não parece se ajustar. “Pairar” ajusta-se à ideia teológica do “Espírito Santo” agindo criativamente sobre as águas, mas apenas à custa de gerar problemas difíceis de resolver no trato semântico-fenomenológico de רָחַף, porque, enquanto em Jr 23,9, tem-se um movimento forte e brusco, em Gn 1,2 tem-se de imaginar רָחַף como um pássaro “voejando”, “planando”, “adejando”, “batendo as asas”, quando não, a despeito de Westermann, “chocando” o ovo cósmico...

É juízo deste pesquisador que רָחַף não signifique “pairar” ou algo do gênero. As quatro últimas traduções citadas (“ranging over”, “sweeping over”, “soprando sobre” e “agitando-se sobre”) parecem adequar-se perfeitamente. Talvez não se deva, na Bíblia Hebraica, vincular necessariamente o sentido de רָחַף ao movimento de um pássaro. Talvez se deva considerar que se trate de movimento mais forte e brusco (Piel) ou menos forte e brusco (Qal), cujo efetivo sentido circunstancial se vincule ao sujeito que opere o verbo. Deve-se considerar que o termo hebraico podia ser acionado, tendo por sujeito tanto os ossos de um

homem (Jr 23,9), quanto uma ave (Dt 32,11) ou o vento (Gn 1,2). Sugerir que a raiz esteja vinculada ao sentido necessário de uma ave bater as suas asas, ou voar em círculos, parece um equívoco. Nesse caso, em Qal, sendo o sujeito “os ossos”, o sentido é de um movimento de estremecimento, de entrechoque, porque o sujeito são os ossos. Em Dt 32,11, já porque se trata, agora sim, explicitamente, de um pássaro (uma águia ou um abutre), e também porque se trata de Piel, então se deve imaginar que termo se precisa considerar, no vernáculo, para descrever o bater forte e rápido de asas daquela ave, que tem por intenção despertar os filhotes. Finalmente, na terceira e última ocorrência de רָחַף na Bíblia Hebraica, o sentido que se deve dar à raiz tem de estar circunstancial e diretamente ligado à identidade de רוּחַ. Quando as versões tradicionais operam com a identidade de רוּחַ como sendo o “Espírito Santo”, a coerência da raiz é comprometida, porque não se imagina o “Espírito Santo” agindo com violência sobre as águas. Antes, é imaginado flutuando sobre as águas, ou mesmo chocando-as. No final do processo, chega-se a sugerir que רָחַף seja traduzido como “to be soft”, ou, menos radicalmente, mas, ainda assim, em franca incoerência em relação ao conjunto de ocorrência da raiz, “pairar”. Como, todavia, as quatro últimas versões analisadas, ao lado das quais se perfila o presente exercício, imagina-se não o “Espírito Santo”, mas “um vento”, e dado que se pode concebê-lo como um vento violento, no contexto de uma tempestade sobre as águas, restaura-se a coerência pressuposta na relação entre Qal e Piel, porque, em Gn 1,2, מְרַחֵפֶת significaria um movimento violento, e, se se trata de um vento, então “to raging over”, “to sweeping over”, soprava sobre” ou “agitava-se sobre” funciona adequadamente.

Considerando-se as observações até agora feitas, pode-se, então, emitir alguma avaliação a respeito das onze versões mencionadas ao início do exercício.

Gn 1,2	
AM	“E o Espírito de Deus pairava sobre as águas”
NBP	“E um vento de Deus se agitava sobre a superfície das águas”
CNBB	“E o Espírito de Deus pairava sobre as águas”
BJ	“E um vento de Deus pairava sobre as águas”
BP	“E o alento de Deus revoava sobre a face das águas”
MD	“Mas o Espírito de Deus pairava sobre as águas”.
TEB	“O sopro de Deus pairava na superfície das águas”

ARA	“E o Espírito de Deus pairava sobre as águas”
ARE	“E o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas”
NVI	“E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”
VOZES	“E um vento impetuoso soprava sobre as águas”

Dentre elas, como já dito, apenas duas guardam aproximações com Meek e NABRE: a NBP e a Vozes. Apesar de a BJ traduzir ריח כמו “vento”, a versão não consegue afastar-se totalmente da tradição, e chega conceber o “vento” pairando sobre as águas. Confesso que a imagem é difícil de ser reproduzida mentalmente: um vento, pairando... A NPB, não: ela não apenas traduz ריח como vento, mas, coerentemente, imagina-o “agitando-se” sobre as águas. Por sua vez, a Vozes imagina esse mesmo vento soprando sobre elas. O resultado plástico é o mesmo na NBP, na Vozes, em Meek e na NABRE: nas circunstâncias imediatamente anteriores à criação, uma tempestade (ריח) varria (מְרַחֶפֶת) a superfície das águas.

Conclusão

מְרַחֶפֶת (*mərahēpēt*) é a forma com que a raiz רחף aparece em Gn 1,2. Trata-se da forma Piel da raiz, que, em tese, suporta incremento de sentido, em relação à forma simples, Qal. Em Qal, רחף aparece em Jr 23,9 e, aí, tendo por sujeito “os ossos”, significa “estremecer”: os ossos do profeta estremeceram, quando ele ouviu a palavra de Yahweh. A segunda das três ocorrências da raiz aparece em Dt 32,11, e aí é empregada para descrever o movimento brusco e forte do bater das asas da águia ou do abutre, que o faz para, no ninho, despertar seus filhotes. O aumento de intensidade dessa ação em relação àquele movimento dos ossos do profeta se expressa coerentemente pelo uso do Piel. Em Gn 1,2, igualmente Piel, espera-se que permaneça aquele incremento de sentido, se comparado a Jr 23,9. No entanto, sejam os dicionários consultados, seja a maioria das versões vernaculares, o sentido ali é “pairar”. Não faz sentido. Se em Qal (Jr 23,9) é estremecer, e em Piel (Dt 32,11) é bater as asas com rapidez e força, por que, em Gn 1,2, Piel, significaria “pairar”?

A avaliação que aqui se faz é que tanto os dicionaristas quanto os tradutores das versões estão operando: a) teologicamente e b) a partir da tradição. Uma vez que assentam antecipadamente que se trata de uma referência ao “Espírito Santo”, são

obrigados a estabelecer um sentido que se enquadre na imagem com que operam. Dessa forma, a terceira seção de Gn 1,2 *tem de* descrever o “Espírito Santo” “pairando” sobre as águas, ainda que o resultado conspire contra a coerência da funcionalidade de רָחַף na Bíblia Hebraica. No entanto, o procedimento está tão sedimentado, que não apenas afeta as versões, mas opera mesmo na elaboração dos verbetes dos dicionários e dos léxicos que, em tese, as versões usam em seu trabalho de tradução. O resultado é um círculo vicioso, que, todavia, como se viu, não é impossível de ser vencido, uma vez que, nesse sentido, Meek, NABRE, Vozes e NBP obtiveram pleno sucesso em romper o círculo mágico...

Referências bibliográficas

Bíblias

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985.

A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: SBB, 1993.

A BÍBLIA SAGRADA. Versão revisada da tradução de João Ferreira de Almeida, de acordo com os melhores textos em hebraico e grego. São Paulo: Candeia; Rio de Janeiro, IBB, 2000.

BÍBLIA. Mensagem de Deus. São Paulo: Loyola, 1989.

BÍBLIA. Tradução ecumênica. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1995.

BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblia Internacional, 2000.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB, com introduções e notas. São Paulo: Ave Maria, Loyola, Salesiana, Paulus, Paulinas; Aparecida: Santuário e Petrópolis: Vozes, 2001.

Bíblia Vozes. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

HOLY BIBLE. New American Bible. Revised version (NABRE). Charlotte: Saint Benedict Press, 2011.

NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.

Bibliografia

ALONSO-SCHÖKEL, L. Dicionário bíblico hebraico-português. Trad. De Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulus: Paulus, 1997.

BAKER, D. W. The wind and the waves. *Biblical Theology in Protology and Eschatology*. *Ashland Theological Journal*, n. 34, 2002, p. 13-38.

BECKING, B. e KORPEL, M. C. A. To create, to separate or to construct: an

alternative for a recent proposal as to the interpretation of בָּרָא in Gen 1:1-2:4a. *Journal of Hebrew Scriptures*, v. 10, a. 3, 2010, p. 1-21.

BROWN, F., DRIVER, S. R. e BEIGGS, A. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English dictionary*. Snowball Publishing, 2010.

CLINES, D. J. A. (ed). *The dictionary of the classical Hebrew*. Volume VII. ז – ט. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2011.

GESENIUS, W. *Hebrew and Chaldee lexicon to the Old Testament Scriptures*. Trad. De Samuel Prideaux Tregelles. London: Samuel Bagster and Sons, 1893.

HOLLADAY, W. L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KOEHLER, L. e BAUMGARTNER, W. *The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament*. V. III: ט – ש. Transl. by M. E. J. Richardson. Leiden: Brill, 1996.

KIRST, N. e outros. *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. 27 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2013.

LAMBDIN, T. O. *Gramática de hebraico bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003.

MEEK, T. J. *The Book of Genesis*, in: J. M. P. SMITH, T. J. MEEK, L. WATERMAN, A. R. GORDON e E. J. Goodspeed, *The Complete Bible – an American translation*. Illinois: The University of Chicago Press, 1951.

NORÉN, D. *An Arabic Hebrew comparative Study of Genesis 1-3*. Gothemburg: Gothemburg University [Bachelors Thesis in Arabic], 2011.

PARKHUST, J. *An Hebrew and English lexicon*. 8 ed. London: C. J. Rivington: 1823.

RIBEIRO, O. L. *Comprar gato por lebre O “assalto” teológico à abordagem histórico-filológica da raiz br’ entre os séculos XVIII e XX*. *Pistis e Praxis*, v. 8, n. 1, 2016, p. 55-71.

WESTALL, M. R. *Scope of the term Spirit of God in the Old Testament*. *Indian Journal of Theology*, v. 26, n. 1, 1977, p. 29-43.

WESTERMANN, C. *Genesis 1-11. A continental commentary*. Minneapolis: Fortress Press, 1984.

¹ BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). 211 ed. São Paulo: Ave Maria, 2017.

² BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB, com introduções e notas. São Paulo: Ave Maria, Loyola, Salesiana, Paulus, Paulinas; Aparecida: Santuário e Petrópolis: Vozes, 2001.

³ BÍBLIA. *Mensagem de Deus*. São Paulo: Loyola, 1989.

⁴ A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: SBB, 1993.

⁵ A BÍBLIA SAGRADA. Versão revisada da tradução de João Ferreira de Almeida, de acordo com os melhores textos em hebraico e grego. São Paulo: Candeia; Rio de Janeiro, IBB, 2000.

⁶ BÍBLIA SAGRADA. *Nova Versão Internacional*. São Paulo: Sociedade Bíblia Internacional, 2000.

⁷ BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2002.

⁸ BÍBLIA. Tradução ecumênica. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1995.

⁹ NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.

¹⁰ A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985.

¹¹ BÍBLIA VOZES. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

¹² Em termos gramaticais e exegeticos, todas as traduções indicadas são possíveis (cf. BAKER, D. W. The wind and the waves. *Biblical Theology in Protology and Eschatology. Ashland Theological Journal*, n. 34, 2002, p. 17; WESTALL, M. R. Scope of the term Spirit of God in the Old Testament. *Indian Journal of Theology*, v. 26, n. 1, 1977, p. 33-34; WESTERMANN, C. *Genesis 1-11. A continental commentary*. Minneapolis: Fortress Press, 1984, p. 102-110).

¹³ A rigor, é possível que o tradutor da BP tenha pensado em “revoar” com sentido mais violento do que “pairar” ou “mover-se”, aproximando o sentido de “revoar” do de “agitar”, optado pela NBP. Mas, servindo-se apenas da tradução, não é possível ter-se garantias quanto a isso.

¹⁴ “Verbos em Piel (...) c. *intensivo*. Em vários casos o Piel denota uma pluralização da ação indicada no Qal” (LAMBDIN, T. O. *Gramática de hebraico bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 30-40). No mesmo contexto, indicam-se para outras funcionalidades de Piel, acrescentando-se, ao final da exposição, a seguinte advertência: “não é possível predizer infalivelmente o significado de um verbo em Piel” (p. 40).

¹⁵ “Anath with her wings, she who flies, who hovers against the highest heaven” (Koehler e Baugartner, 1996, p. 1.219).

¹⁶ Koehler e Baugartner, 1996, p. 1.220. Registre-se, todavia, que em recente pesquisa, que identificou centenas de cognatos hebraicos/arábicos em Gênesis 1-3, descartou-se haver cognato arábico justamente para a ocorrência de רָחַף em Gn 1,2 (Cf. NORÉN, D. *An Arabic Hebrew comparative Study of Genesis 1-3*. Gothemburg: Gothemburg University [Bachelors Thesis in Arabic], 2011, p. 15 e 32). Não me encontro em situação de decidir a questão.

¹⁷ “To brood, incubate; to shade, protect” (Koehler e Baugartner, 1996, p. 1.219-1.220).

¹⁸ A tradução de “to hover e tremble” é, fora de contextos específicos, imprecisa. Pode significar, por exemplo, “pairar e tremer”, “flutuar e tremer”, “voar e tremer”, no sentido de que algo se encontra em estado de tremor, enquanto permanece suspenso no ar. Por razões que adiante se explicitarão, o pesquisador teme que esse sentido já esteja carregado da história da recepção de Gênesis 1,2.

¹⁹ Curioso observar que o mesmo ocorreu com a raiz בָּרָא, que, após ser tratada como uma raiz única até a virada do século XIX para o XX, a partir do início do século XX foi vítima de igual procedimento, passando a ser falar em três raízes homônimas: בָּרָא I, בָּרָא II e בָּרָא III (cf. BECKING, B. e KORPEL, M. C. A. To create, to separate or to construct: an alternative for a recent proposal as to the interpretation of בָּרָא in Gen 1:1-2:4a. *Journal of Hebrew Scriptures*, v. 10, a. 3, 2010, p. 5; RIBEIRO, O. L. Comprar gato por lebre O “assalto” teológico à abordagem histórico-filológica da raiz br’ entre os séculos XVIII e XX. *Pistis e Praxis*, v. 8, n. 1, 2016, p. 55-71). As duas raízes se encontram em Gn 1,1-2.

²⁰ Interessante que, para Gn 1,2, o sujeito de “to hover” seja apresentado como “spirit of Y”, que aqui se interpreta como sendo “spirit of Yahweh” (“espírito de Yahweh”) (cf. Clines, 2011, p. 472). A rigor, em Gn 1,1-2,4a não há a menção a “Yahweh”.

²¹ Mas cf. a nota 16.

²² Em tradução livre, “Piel, chocar filhotes, cuidar de filhotes (como uma águia), Dt 32,11”.

²³ Cf. Gesenius, 1893, p. 766. Nenhuma referência a “to be soft”.

²⁴ Westermann, 1984, p. 107. Para um léxico que assim o define, cf. PARKHUST, J. *An Hebrew and English lexicon*. 8 ed. London: C. J. Rivington: 1823.

²⁵ T. J. MEEK, The Book of Genesis, in: J. M. P. SMITH, T. J. MEEK, L. WATERMAN, A. R. GORDON e E. J. GOODSPEED, *The Complete Bible – an American translation*. Illinois: The University of Chicago Press, 1951.

²⁶ HOLY BIBLE. New American Bible. Revised version (NABRE). Charlotte: Saint Benedict Press, 2011.

Recebido em 22/03/2018, revisado em 13/12/2018, aceito para publicação em 06/04/2019.